PERCEBER O OLHAR E A OBRA DE SEBASTIÃO SALGADO

PERCEIVING THE ACT OF SEEING AND THE WORK OF SEBASTIÃO SALGADO

Renata Barboza Carvalho[1], Elcie F. Salzano Masini[2]

Abstract *— Western philosophy since its foundation has been discussing the enigma of seeing. For ages, the philosophical approach to the act of seeing influenced artists, scientists and thinkers. This article intends to discuss the trajectory of the theories about the looking at things in philosophy in connection with the perception of reality in the photojournalism, of the Brazilian photographer Sebastião Salgado. This paper analysis the criticism of Salgado's work from the point of view of Merleau – Ponty`s "Phenomenology of Perception."*

Index Terms — Look, Perception, Photography, Sebastião Salgado.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação focaliza a temática beleza e percepção do outro, na contemporaneidade do século XXI – cenário de movimento constante entre o real e o virtual, em profusão de informações no qual o homem enfrenta inúmeros desafios: da própria identidade pessoal; da definição de seu objeto de estudos e especificidades; da definição de seu posicionamento no contexto social e profissional frente aos impasses da submissão e adequação ou da percepção e crítica.

Contextualiza-se frente à problemática, focalizada de diferentes perspectivas, por diferentes autores, que assinalam a dispersão do homem na sociedade contemporânea: Türcke [15] ao referir - se ao espetacular e ao não percebido quando não capaz de chamar a atenção; Crary [3] ao discorrer sobre a percepção criada pela sociedade industrial – o olhar moderno que observa, conformado a regras, em ajuste às imposições disciplinares; Schafer [13] ao tematizar a exploração pioneira da paisagem sonora - uma tentativa de analisar e criticar o mundo do trabalho

A leitura de diversos autores [4]-[5]-[6]-[10], que escreveram sobre temas relacionados a questões da contemporaneidade do Século XXI, dentre os quais as mutações, o medo, a depressão, o descontrole do tempo histórico, beleza, convidaram a refletir, à luz de Merleau-Ponty [8] sobre o posicionamento individual frente a esse panorama: de perceber e criticar ou de acomodar-se e adaptar-se.

Esta comunicação originada de um trabalho realizado por uma das autoras – designer e fotógrafa – focaliza a temática beleza e percepção do outro, dois elementos fundamentais para alguém que trabalha com o olhar. Elaborada em um programa de pós-graduação interdisciplinar, constitui-se no entrelaçamento do olhar e da beleza na obra de Sebastião Salgado, no desenrolar histórico de sua trajetória fotográfica – artigo composto de dois grandes itens: 1) O olhar e 2) Sebastião Salgado. Publicada com o apoio do Fundo Mackenzie de Pesquisa

O OLHAR

Conforme Novaes [9] no artigo *Olhos vendados*, o filósofo Giordano Bruno considerava a visão o mais espiritual dos sentidos e historicamente foi o mais privilegiado pela sociedade, permanecendo até hoje nesse posto.

Bosi [1] no artigo *Fenomenologia do olhar* mostra que o olhar está presente – em seu sentido semântico – em expressões idiomáticas muito usadas em diversos idiomas, como por exemplo: estar de olho, ficar de olho, não perder de olho (que exprimem vigilância), ver com bons olhos (que expressa aceitação), mau olhado (sinônimo de inveja). Ainda, atribui-se características corporais ao ato de ver: olhar frio, quente, duro, doce, gordo, parado. Ele também mostra que a etimologia de várias palavras tem como base o olhar; e cita, entre outras, o verbete *considerar*, que em sua etimologia significa olhar com maravilha (*con-sidus*), e *respeitar*, que no latim seria olhar para trás ou olhar de novo, tomando as devidas distâncias (*re-spicio*).

A relevância cultural da visão em relação aos outros sentidos fez com que diversos autores passassem a refletir sobre a origem da primazia desse sentido como o mais destacado. Novaes [9] pergunta "por que, dentre os sentidos, o olhar é o primeiro a ser chamado à ordem?". Esse autor na obra *O Olhar* [9], que organizou com textos de diferentes autoridades, delineia a trajetória de desvelamento da filosofia sobre o olhar, como objeto constante de reflexões.

De acordo com Chaui [2], em seu artigo *Janela da alma, espelho do mundo,* a história da filosofia ocidental desde sempre vem procurando desvendar o que significa ver. Os filósofos gregos entendiam o olhar como tendo duas dimensões: um olhar receptivo à invasão de luz e imagens exteriores, e um olhar ativo, emissor de raios luminosos que

[1] Renata Barboza Carvalho, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rua da Consolação, 930, São Paulo – SP, Brasil, renatadess@ymail.com.
[2] Elcie F. Salzano Masini, doutora em Psicologia e professora titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura, Rua da Consolação, 930, São Paulo – SP, Brasil, delcie66@yahoo.com.br.
DOI 10.14684/WCCA.8.2015.230-233
© 2015 COPEC

tornavam todas as coisas visíveis e reconhecíveis. Essa conotação denota que o olhar tinha um poder de ação intelectual. Assinala que para os gregos, o ato de ver estava estritamente ligado ao pensar: Aristóteles considerava que ver é olhar para tomar conhecimento – um laço entre ver e saber. A raiz do verbo grego para *ver*, *conhecer*, *examinar* (*eidô*) é a mesma da palavra ideia (*eidós*). Conhecer era transcender o mundo físico por fixar o olhar da mente nas formas puras.

Bosi [1] explica que os filósofos cristãos neoplatônicos perpetuaram a separação entre corpo e alma, mas, em Dante encontra-se a visão unificadora – de sensibilidade e espírito, corpo e alma. Sua viagem pelo mundo das almas é uma sequência de visões, que têm por matéria-prima a imagem. O olhar de Dante reconhece pessoas e suas almas têm materialidade; figuram-se como corpo. Esse resgate do corpo pelo olhar se desenvolverá plenamente no Renascimento.

Existe harmonia entre corpo e alma na Renascença. O olho é a mediação que conduz a alma ao mundo e traz o mundo à alma. O entendimento, através dos olhos, obtém a mais completa e magnífica percepção, que vem de *percipio*, que se origina de *capio*, que significa agarrar, prender, tomar com os nas mãos.

Segundo Bosi, refazer a arte clássica é olhar para as formas do corpo humano e para a natureza e descobrir suas leis. O pintor-cientista aprende a olhar e seu olho convive harmonicamente com o olhar do sábio. Leonardo da Vinci dá ao olho o poder de captar a verdade de todas as coisas, "a pintura é uma ciência da visão, que a partir de Leonardo, não decairá nunca dessa dignidade" [2]. A verdade é captada pelo olho do pintor-cientista e passa pela sua experiência e entendimento. De Da Vinci herda-se o culto da figura, cor e geometria.

Posteriormente, a ciência de Descartes recortará o olho central e imóvel da perspectiva para priorizar o saber científico. Conforme Bosi explica, ocorre a ruptura do circuito olho – mente – olho, substituído por linhas paralelas que não podem e nem devem se confundir. A razão prevalece e a única verdade é a certeza da própria existência. O olhar racionalista clássico examina, compara, esquadrinha, separa, mas, nunca exprime e reduz tudo à condição de objeto. O pensamento cartesiano referente ao modo de se ver ainda influência a sociedade moderna, mas, foi questionado durante a história da filosofia.

O filósofo Goethe propõe um olhar que reconhece e exprime forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, como no outro, que não se confunde com a percepção físico/matemática, de Descartes, Galileu e Newton. Em Goethe, o olhar deixa de ser apenas sensação e ganha propriedades dinâmicas de energia e calor. Torna-se expressivo.

O olhar expressivo torna-se também subjetivo nas correntes filosóficas posteriores.

Para o Marxismo e a Psicanálise o olhar expressivo, ao contrário do olhar racionalista, já nasce enredado nas malhas de classes, cultura, educação, família, infância, ligado às necessidades e desejos. Na época da crise na ordem das certezas, o olhar não tem certeza porque se situa no interior de uma vivência finita e vulnerável.

No existencialismo de Jean Paulo Sartre (1905 – 1980), o olhar do outro invade a liberdade do sujeito. O ato de ver pode ser comparado a um ataque, onde olhar e ser olhado são forças opostas. Olhar é uma força que penetra no ser olhado, ferindo-o, tolhendo-lhe sua liberdade. O "eu" olhado, invadido por uma liberdade que o transcende, vira objeto, esvazia-se.

Para Bosi [1] o olhar expressivo ou existencialista sofre as reduções das correntes anteriores, porém, ainda está plantado no corpo "[...] casando mente e coração, alma, olhos e mãos, tornou possível o gesto da arte". Essa união estava presente desde o pensamento cristão de Dante, que pode refletir sobre forma e espírito, e na Renascença, com seu olhar corpóreo essencial para recriar o homem e a paisagem.

Bosi [1] afirma que o olhar fenomenológico de Merleau-Ponty é um "resgate desse olhar sintético e primordial do ser humano" [...] "a realidade é nossa escola do olhar e o seu método encontra na descrição do fenômeno pictórico um terreno fértil de exercício"

O olhar fenomenológico olho/corpo propõe um diálogo entre: olhar do sujeito e do outro e corpo/mundo através da percepção. O olhar do outro e o corpo do sujeito encontram-se mergulhados no mesmo espaço e remetem a um único mundo feito de coexistências e simultaneidades.

Para Merleau-Ponty [8], o olhar não abarca inteiramente o mundo – entrelaça dinamicamente perspectivas próprias e de outros para os quais se abre.

Relacionar a perspectiva do olhar fenomenológico com a fotografia de Sebastião Salgado é o que aqui é proposto, na busca – um exercício – do perceber em suas imagens.

SEBASTIÃO SALGADO

A palavra *fotografar* vem do grego "escrever com a luz": a luz vista, contemplada, pelos olhos e a luz que emana desses faróis, portadores de energia. Fotografar exige retórica entre o ver e o que é visto.

No texto *O "afresco" de nossa época,* Galard [5] critica a homogeneidade na apresentação das imagens: relatos trágicos e catástrofes naturais são exibidos do mesmo modo que obras de ficção, entretenimento e anúncios publicitários, compondo um grande catálogo representativo de nossa época. Para o autor, isso é negativo, pois, cada espetáculo exige um tipo de apreciação e é preciso preocupar - se com a ética quando ocorre a estetização da realidade. Esse termo pode ser definido como atribuir valores estéticos ao real, descaracterizando-o como realidade, o que poderia contribuir para a falta de empatia.

A obra do fotógrafo Sebastião Salgado tem constantemente sofrido essa crítica, por ser composta de belíssimas e impactantes imagens realizadas em áreas de

conflito ou miséria. Em sua trajetória de mais de quarenta anos como fotojornalista, este mineiro, associado à famosa agência Magnum, percorreu o mundo e produziu trabalhos premiados e reconhecidos internacionalmente, como *Trabalhadores* (1996), *Êxodos* (2000) e *África* (2007). Na perspectiva do senso comum, são imagens que estetizam a realidade dura dos retratados e têm um efeito negativo.

Para contrapor essa opinião, Strauss [14] publicou o artigo *The documentary debate: asthetic o anaesthethic?*, onde discute o trabalho de Salgado. Faz referência à Sischy, que na revista New Yorker, em setembro de 1991, em seu texto *Boas intenções*, apresenta crítica à obra do fotógrafo, pois, considera-o oportunista, idealista e descompromissado com a realidade. Para ela, o trabalho do fotógrafo não respeita a fronteira entre estética e política, "[...] a beleza chama à admiração e não à ação" e estetizar a tragédia é o jeito mais rápido de se anestesiar os sentimentos do expectador. Strauss, porém, argumenta que a estética não é algo depreciativo. Representar é estetizar e isso significa transformar. A estética se relaciona com coisas imaginadas, que não estão presentes, e para tornar essas coisas legíveis é necessário traduzi-las para códigos sociais e culturais contemporâneos. Para o autor, isso é estetização.

Ele aponta como fonte dessa opinião negativa sobre a estetização das imagens o texto *O autor como produtor*, de Walter Benjamin (1892-1940), em que o filósofo critica fotógrafos que retrataram a miséria humana como objeto de arte. Todavia, é importante lembrar que as críticas de Benjamin tinham como alvo específico as obras do movimento *Nova Objetividade*, surgido na Alemanha no período entre guerras, que propunha um retorno à objetividade da visão na arte em oposição ao Expressionismo. É importante lembrar o contexto histórico desse movimento, no qual as obras de arte pretendiam representar a realidade da época e que o texto de Benjamim discutia com essa produção.

É indispensável, pois, essa localização histórica – temporal e espacial e assinalar, contudo que não é ainda suficiente, pois, para considerar e conhecer o outro é necessário o conhecimento prévio de si próprio e a ultrapassagem dos limites de não-reconhecimento em outrem [4]. O olhar fenomenológico, de acordo com Novaes [9] propõe a percepção do sensível do outro, nos intervalos, no invisível. Para Strauss, a estetização na fotografia promove o primeiro passo para o reconhecimento de si em outros e isso pode compelir a ação. A obra de Sebastião Salgado é dessa natureza.

Este autor [14] descreve o que Galeano escreveu para o catálogo do Museu de Arte Moderna de São Francisco sobre uma exposição de Sebastião Salgado, em 1990. Fotógrafos comerciais fotografam fantasmas e Salgado fotografa pessoas. A pobreza é uma mercadoria vendida por altos preços no mercado de luxo e fotógrafos de consumo covardemente fotografam o horror de uma posição privilegiada, confirmando que essa é a ordem universal. Aproximam-se da miséria, mas, não adentram, pois simplesmente disparam a câmera e correm. Essa caridade vertical acaba por humilhar o objeto fotografado. Galeano em seu texto enfatiza que a solidariedade é horizontal e que Salgado fotografa com solidariedade.

No prefácio de sua obra *Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial* [12], o próprio Salgado define seu trabalho como "fotografia militante" feita para "compreender melhor os homens".

O fotógrafo declarou que seus retratos só são feitos com autorização dos retratados – ele estende esse tratamento também aos animais – que acontece depois de uma relação estabelecida entre fotógrafo e fotografado. O laço horizontal de solidariedade e empatia pode se formar em algumas horas ou demorar dias. O objetivo de Salgado é ser digno de retratar o momento daquele fotografado. A análise de suas imagens torna nítida a percepção do outro e do mundo e o grande respeito evidenciado no clique de Salgado.

No texto de introdução de *Trabalhadores* [12], Eric Nepomuceno e Sebastião Salgado apresentam as fotografias como "um retorno ao período da Revolução Industrial, onde o eixo central da sociedade era o trabalho realizado pela força do corpo". Para eles, essas imagens retratam a história de perseverança da humanidade, que se adapta, sobrevive e sonha, usando as próprias mãos para moldar o mundo.

Sua obra é sobre o que não está presente: o que foi reprimido, o que não foi dito, o que foi perdido. O escritor Mia Couto na abertura do livro *África* [11], descreve Sebastião Salgado como um povoador de ausências e silêncios que revela uma África que é a morada e o berço de toda a humanidade. Para Couto, Salgado não visitou mas foi visitado pela plularidade desse continente.

As imagens não apelam para a miséria mas são uma epopeia de povos que se percebem em estado de descoberta, devido às circustâncias políticas e socias. Couto [11] escreve que Sebastião Salgado "confirma o poder mágico da imagem: desocultar os múltiplos sentidos do acontecido, libertar o tudo que poderia ter sido naquilo que simplesmente foi". Segundo ele, o fotógrafo deixa-se surpreender pelo Tempo. Salgado viajou através de pessoas e captou a grandeza e a miséria de toda a humanidade em sua passagem pelo continente africano. Registrou realidades que não eram percebidas antes de sua chegada.

Para realizar seu último trabalho *Gênesis* (2013), o fotógrafo dedicou-se por oito anos à viagens ao redor do mundo a fim de registrar belezas naturais e animais, bem como, povos ancestrais que permanecem isolados. Produziu imagens belíssimas que podem ser vistas como um apelo à preservação do planeta. Paralelamente, Salgado e sua esposa Lélia Salgado, já por anos desenvolvem projetos ambientais de grande impacto, mostrando que vida e obra deste fotógrafo evidenciam que em toda a sua carreira ele desenvolveu um olhar comprometido ao fotografar. A beleza de suas imagens é política e um chamado à ação, de acordo com Strauss [14].

Como artista, Sebastião Salgado tomou uma posição crítica. Seu trabalho é esteticamente construído e possui um

profundo envolvimento com o outro. Suas fotografias são capazes de produzir diversas reflexões e sensações, por isso, merecem um aprofundamento de nosso olhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marilena Chauí [2] escreve "o olhar ensina um pensar generoso que sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue".

As fotografias de Sebastião Salgado oferecem a quem as contempla, ampliação de seu mundo e de si e no desvelamento do pensar generoso de seu autor, reitera Thomas S. Eliot (1888-1965) quando afirma "só os que se arriscam a ir longe demais são capazes de descobrir o quão longe se pode ir."

A atitude fenomenológico de busca do sentido da fotografia de Sebastião Salgado constitui um caminho possível para se atingir um conhecimento rigoroso, que requer pré-compreensão da situação na sua totalidade do fotógrafo no mundo, como corpo no mundo – o corpo como fonte dos sentidos e solo da significação da relação do sujeito no mundo

Olhar as imagens de Sebastião Salgado requer perceber e compreender, isto é, requer abertura para desvelar os símbolos do agir/ pensar/ sentir de cada um presente na obra. Comporta reorientar o olhar ao trivial: às palavras, aos gestos, ao ambiente, aos movimentos que deslizam sobre os trilhos do escondido. É preciso desvenda-los e propiciar que se expressem.

Como assegura Miranda [7] o mundo se reorganiza em velocidade vertiginosa a partir da revolução científica e tecnológica, falta tempo para a contemplação e reflexão – intervalo para o pensamento. Rouanet [10] reitera esse panorama da contemporaneidade do século XXI ao afirmar que o homem desnaturado fica a deriva, ao perder a liberdade, e existe na alienação porque deve obedecer. Kehl [6] refere a um sentimento vital que protege o homem dos riscos da morte, em razão do qual desenvolve o sentido da curiosidade e a disposição e a coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida.

As fotografias de Sebastião Salgado ilustram isso ao enraizarem-se na vida, no existir daqueles que habitam o espaço de suas obras.

REFERÊNCIAS

[1] Bosi, Alfredo, "Fenomenologia do Olhar", *O Olhar*, 2003, pp. 65-87.

[2] Chauí, Marilena, "Janela da Alma, Espelho do Mundo", *O Olhar*, 2003, pp. 31-63

[3] Crary, Jonathan, *Suspensões da Percepção. Atenção, espetáculo e cultura moderna*, 2013.

[4] Durante, Daniel, Castilho, "Alteridade e Reflexão Intercultural: seus objetivos no quadro das práticas em geral e da fala literária em particular", *Revista Interdisciplinar Sociedade Cultura Literária*,Vol. 1 No.4, Jan. - Jun. 2007.

[5] Galard, Jean, "O Afresco de Nossa Época", *Beleza Exorbitante*, 2012, pp. 11-16.

[6] Kehl, Maria, Rita. "Depressão e Imagem do Novo Mundo", *Mutações*, 2007, pp. 295-320.

[7] Miranda, Danilo, "Mutações: caminhos sinuosos e inquietações na busca do futuro", *Mutações*, 2007, pp.7-8.

[8] Merleau-Ponty, Maurice, *Phenomenologie de la Perception*, 1945.

[9] Novaes, Adauto, *O Olhar*, 2003, pp. 9-20.

[10] Rouanet, Sérgio, Paulo, "Por um saber sem fronteiras", *Mutações,* 2007, pp. 353-370.

[11] Salgado, Sebastião, *África*, 2007.

[12] Salgado, Sebastião, *Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial*, 1996.

[13] Schafer, R., Murray, *A afinação do mundo*, 2011.

[14] Strauss, David Levi, *Between The Eyes*, 2003, pp. 3-11.

[15] Türcke, Christoph, *Sociedade Excitada filosofia da sensação*, 2010.